

---

## **AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM INTERACIONISTA: ORALIDADE E ESCRITA**

Tauana Nunes Paixão<sup>2</sup>  
(UESB)

Silvana Perottino<sup>3</sup>  
(UESB)

### **RESUMO**

Neste trabalho apresentamos uma breve revisão bibliográfica a respeito da teoria Interacionista Estruturalista de Aquisição de Linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de Linguagem, Interacionismo, Teoria.

### **INTRODUÇÃO**

O interacionismo estruturalista surgiu a partir do funcionamento do Projeto de Aquisição da Linguagem no IEL/UNICAMP no ano de 1976, sob a coordenação de Cláudia de Lemos (DE LEMOS, 2002; PEREIRA DE CASTRO; FIGUEIRA, 2006; LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008). Uma noção teórica importante no início dos trabalhos do grupo de pesquisadores interacionistas foi a de processos dialógicos, nos quais é possível verificar fragmentos da fala do adulto na fala da criança, e vice-versa.

Por ser uma teoria estruturalista, segue o conceito de língua saussureano. Vejamos, então, do que se trata.

Em 1916, Ferdinand de Saussure oferece o Curso de Linguística Geral, o qual marcaria em definitivo o início da Linguística como ramo independente da ciência. Surge aí o chamado estruturalismo linguístico

---

em oposição aos estudos históricos acerca da língua. O que Saussure faz, em primeiro lugar, é determinar, especificar o objeto dessa ciência, que, para ele, é a língua enquanto estrutura.

Para o conceito estruturalista, língua é um sistema de signos arbitrário. Tal afirmativa é proposta uma vez que se considera que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE. 2006, p.80), o significante (conceito) e o significado (imagem acústica), relacionadas arbitrariamente. Assim, o segmento

---

<sup>1</sup> Entidade financiadora da pesquisa – UESB; Vinculado a “Aquisição e Patologias da Linguagem”

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

<sup>3</sup> Prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup>/ orientadora no curso de Mestrado da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

fonológico que constitui o signo *casa*, por exemplo, não teria relação com o objeto casa no mundo físico, pois não é disso que se trata. A noção de sistema implica a de relação: nenhum termo existe isoladamente, mas na sua relação com o outro, especificamente em termos de sua negatividade, pois um elemento é o que o outro não é.

Segundo Saussure (2006, p.17), língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Assim, nesta perspectiva, a língua é um objeto que se deposita na mente do falante através dos atos de fala entre os falantes.

A teoria interacionista estruturalista em aquisição de linguagem confere ao outro um papel de destaque na aquisição da linguagem. É o adulto (pai, mãe) que significa os gestos e balbucios da criança, conferindo-lhes *status* de linguagem. Nessa teoria, a criança vem a ser capturada pelo funcionamento linguístico-discursivo que possui uma ordem própria e que lhe é anterior. Ela é capturada e mantém relações

---

com essa língua, mudando de posição em uma estrutura, e o outro é considerado com instância de funcionamento da língua, ou seja, por já estar nessa ordem, o adulto interpreta as manifestações da criança, sendo, portanto, também afetada por elas (AZENHA, 2005).

Claudia de Lemos afirma que a criança é capturada por um funcionamento linguístico-discursivo por meio de sua interação com o adulto, instância desse funcionamento. Desse modo, o que predomina na fala da criança são as marcas da fala do adulto, ou, ainda, não há como negar a relação estrutural entre essas falas.

Na perspectiva interacionista, a criança é vista como um sujeito cuja fala é interpretada pelo adulto, estando sobre o efeito da linguagem do outro. Essa interpretação do outro é que permite que a fala da criança tenha significação. Nesse sentido, o que a criança quis dizer – a sua intenção – fica interrogada, mas, de um outro lado, tem-se a garantia da continuidade de um diálogo, de que há o efeito entre as falas.

De Lemos observou que há três processos envolvidos no diálogo da criança com o adulto: a especularidade, complementaridade e reciprocidade. Segundo De Lemos (1989, p. 64), a especularidade

se inicia pelo movimento do adulto no sentido de espelhar a produção vocal da criança, ao mesmo tempo em que lhe atribui forma, significado e intenção, processo este que se reverte, em seguida, já que passa a ser instaurado pelo movimento da criança no sentido de espelhar (ou ecoar) a forma produzida pelo adulto. *A complementaridade é aquela* em que o adulto, em um primeiro momento, e a criança em um momento posterior, retoma o enunciado ou parte do enunciado do outro e o complementa ou expande com outro elemento. Produtos desse processo são tanto as primeiras combinações de palavras – ou uma 'sintaxe inicial' – quanto a própria progressão e coesão dialógicas, marcadas por uma intertextualidade primitiva. *Já na reciprocidade* a criança passa a assumir os papéis

---

dialógicos antes assumidos pelo adulto, instaurando o diálogo e o adulto como interlocutor (grifos nossos)

De um outro ponto de vista teórico, principalmente no que se refere à concepção de linguagem e do corpo, a teoria inatista toma o corpo como biológico, o que, nas palavras de Lopes (2003), quer dizer:

Não certamente o da pulsão; eventualmente inconsciente, porém apenas aquele que escapa à prontidão, aos estados de sensação, não aquele que instaura uma dimensão psíquica, que registra processos de simbolização, que se estrutura em significantes; em suma não o lugar do singular, daquele que se faz/se descobre em um/Outro, mas como um não-lugar para o singular (LOPES, 2002, p.100).

Na teoria interacionista, ao contrário, trata-se do corpo pulsional, ou seja, de um corpo que demanda interpretação, isto é, corpo que articulado na e pela linguagem se encontra no regime da demanda e do desejo (cf. LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 136).

Ao analisar a fala de uma criança encontraremos fragmentos da fala do outro em seu discurso, mas não é imitação, e sim reestruturação da fala do adulto na fala da criança, com a ressalva de não ser previsível o que a criança irá incorporar da fala do adulto. Prova disso é o fato de palavras e expressões ditas pelo adulto aparecerem na fala da criança em situações diferentes das que o adulto (ou ela mesma) empregou, porém podendo estar relacionada a fragmentos de textos presentes naquelas situações interativas. Trata-se, como referido em diversos artigos de De Lemos, das leis de funcionamento da linguagem, os processos metafóricos e metonímicos, encontrados em Jakobson (1956/1963), as operações de substituição (metafórico) e de contiguidade (metonímico). Lançam-se as bases para explicar as mudanças de posição da criança em uma estrutura, o que vem a ser bem diferente de descrever a fala da criança em termos de categorias linguísticas, como fazem muitos investigadores da área de aquisição da linguagem. De Lemos (1995) fornece, então, outra explicação, que não a

---

da descrição categorial da fala da criança, para os enunciados produzidos pela criança por meio de uma leitura particular de teóricos da Linguística, Saussure e Jakobson, e de um teórico da Psicanálise, Jacques Lacan, para quem o que está em questão é a ocupação do sujeito pela linguagem. De Lemos afirma que a fala da criança deve ser analisada a partir do seguinte ponto de vista:

o estatuto semântico formal é o de um fragmento [da fala da criança] que convoca outros fragmentos de uma mesma cadeia que ainda não faz texto, mas onde a criança se reconhece por ela significada. (...) É a história da relação da criança com os textos em que sua fala, gesto, movimento e presença foram interpretados que está aí inscrita e que lhe dá singularidade (DE LEMOS, 1995, p.26).

O diálogo foi eleito por De Lemos como unidade de análise e nele está inscrito a sua problemática, já que não deve ser visto como comunicação entre parceiros simétricos, ainda mais no caso da interação adulto-criança. É importante ressaltar que, para alguns filósofos como Heidegger, o diálogo é visto como um instrumento de interação responsável pela formação subjetiva do homem (AUROUX, 1996). Para Heidegger, a linguagem é fundamentalmente encontro, e que outro lugar seria melhor para ele se dar que o diálogo? Dessa forma, é na discursividade que está a base da língua. Podemos entender tal proposição pelo viés da necessidade de que haja atividade de fala para que a captura pelo funcionamento da língua se realize no sujeito.

O processo de aquisição compreende mudanças na relação da criança com a linguagem; uma trajetória na/pela linguagem, na qual, de início há o infans (aquele que não fala), mas que, nessa relação com o outro, instância de funcionamento da língua, virá a ser falante da língua.

Saussure (1916/2006) trata da fala da criança ao citar o processo de mudança linguística. No Curso de Linguística Geral

---

(1916/2006) raros são os momentos em que Saussure fala da linguagem da criança. Quando o faz, é a partir da discussão a respeito da mudança linguística. Esse fato ocorre também nos *Escritos de Linguística Geral* (2002/2004) quando ele reconhece que a fala da criança fornece material para o estudo de formações analógicas.

No *Curso*, Saussure analisa como as analogias entram na língua. Ele afirma que toda mudança tem origem na língua, mas nem toda inovação analógica acontece do mesmo modo (CASTRO, 2010). Como pode ser visto no capítulo cinco do *Curso*, “Analogia e Evolução”:

Nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos tem sua raiz na esfera do indivíduo. (...) Não é mister que todas as inovações analógicas tenham essa boa fortuna. A todo instante encontramos combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará. A linguagem das crianças está cheia delas, porque as crianças conhecem mal o uso e ainda não lhe estão sujeitas (SAUSSURE, 2006, p.196)

Para Saussure a língua não está em função do falante. Em relação a posição do falante na mudança linguística Saussure diz que (apud CASTRO, 2010, p. 99)

A cada instante, a linguagem implica a um mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, a primeira vista, distinguir entre esses sistemas e suas histórias, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então.

---

Podemos nos perguntar, então, qual seria então a relação da fala da criança com o processo de mudança linguística? Na aquisição de linguagem pela criança, ou melhor, nessa captura pelo funcionamento da língua, há marcas da fala do adulto na fala da criança, relativo ao que De Lemos (2002) denominou como primeira posição na estrutura. Quando surgem os erros de diversos tipos na fala da criança, diz-se que a criança está na dominância do funcionamento da língua. Já na terceira posição, há dominância da relação da criança com a sua própria fala, momento em que ela corrige a sua própria fala, por escutá-la de um outro lugar, ou seja, divide-se entre aquele que fala e aquele que escuta.

Explicando ainda mais: na incorporação da fala do outro pela criança, nota-se a predominância do processo metonímico (presença de fragmentos de textos de situações interativas diversas). Nele, a criança está alienada à fala do outro. Quando aparecem erros na fala da criança, assim como estruturas paralelísticas, a criança encontra-se no pólo da língua ocorrendo a predominância do processo metafórico, no qual cadeias latentes se cruzam com cadeias manifestas que, por sua vez, se deslocam de outros textos. Diz-se que é o início da separação da criança em relação à fala do adulto. São também as marcas de resistências da criança à entrada na ordem própria da língua. Segundo De Lemos (1997):

não é na fala imediatamente precedente da mãe, mas no âmbito do próprio enunciado da criança que está a cadeia que oferece sustentação para o movimento dos significantes, deslocando-se, aproximando-se, ressignificando-se ( DE LEMOS, 1997, p.7).

O fato de a criança reformular sua própria fala, ou seja, corrigir “seu erro”, e essa fala da criança não ter futuro no sentido de indicar uma mudança a ser incorporada na língua (ao contrário, será esquecida/recalcada), seria um indicativo de que ela se encontra no

---

pólo do sujeito, dividido entre as posições de falante e de ouvinte da língua.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para essa vertente teórica é importante observar como a criança se relaciona com os diferentes textos que a circundam, sejam eles, literários, publicitários ou orais, a fim de saber que relações a criança mantém com esses textos e em que momento ela os incorpora a sua fala

Por esse trabalho se tratar de uma revisão bibliográfica acerca do Interacionismo Estruturalista, trazemos alguns dados retirados dos textos “Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação” de Cláudia de Lemos (2002) e “Manifestações sintomáticas na escrita e a clínica de linguagem” de Anna Eliza Mattos Fongaro (2009).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em seu trabalho De Lemos instaurou a noção de processos dialógicos de modo a estabelecer um estatuto entre a fala da criança e a de seu interlocutor. Nas palavras da autora

ou melhor, à aparente coesão e progressão dialógicas que emergiam como efeito tanto do enunciado com que o adulto interpretava o que a criança fazia ou falava de modo ainda informe e fragmentado, quanto pela dependência que essa fala fragmentada mostrava ao se ancorar na fala do adulto, muito particularmente na fala da mãe. Por isso mesmo, mais que aos aspectos pragmáticos dessa interação, aquilo a que se queria dar estatuto era à conexão de natureza lingüística que essa interação tão desigual produzia (DE LEMOS, 2002, P.46).

---

Para elucidar essa questão, a referida autora demonstra os processos especularidade, reciprocidade e complementaridade (que já foram explicitados acima) com o seguinte dado:

Episódio 1

(Terminada a refeição, L. sentado no cadeirão, dá “mostras” de impaciência.)

M. **Quer** descer?

L. qué

M. Você quer **descer**?

L. **decê**

(L: 1;7 )

Episódio 2 ( L.está sentado no chão com brinquedos.)

M. Você vai **brincar**?

L.: **hum**

M. Hum?

L. **intá**

M. **Do que você vai brincar?**

L.: **nenê/nenê**

M. Nenê, **ahm?**

L.: nenê intá

M.: **Nenê vai bintá?**

L.: é/**nenê bintá**

(L 1;9)

(De Lemos, 2002,p.46).

A partir desses dados De Lemos conclui que

a complementaridade se dava através da especularidade: **nenê** que, no episódio 2, vem “complementar” **intá**, que vem do enunciado da mãe e reaparece na composição **nenê intá/nenê bintá**, não deixa de ser um retorno da fala da mãe na fala da criança, isto é, uma instância do que foi chamado de **especularidade não imediata ou diferida**. Esse também é o caso do processo de reciprocidade, ilustrado no mesmo artigo pela recorrência de **decê** em iniciativas da criança para sair do cadeirão em episódios posteriores a 1 (De Lemos, 2002,p.46).

Na introdução desse trabalho falamos um pouco sobre os processos metafóricos e metonímicos. Em “Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação” De Lemos apresenta um episódio dialógico que elucida muito bem essa questão. Vejamos:

Episódio 3:

(M. entrega para a mãe uma revista tipo Veja)

M.: ó nenê/o auau

Mãe: Auau? Vamo achá o auau? Ó, a moça tá **tomando banho**.

M.: **ava? eva?**

Mãe: É. Tá **lavando** o cabelo. Acho que essa revista não tem **auau** nenhum.

M.: **auau**

Mãe.:Só tem moça, carro, **telefone**.

M.: **Alô?**

Mãe.: Alô, quem fala? É a Mariana?

(Mariana 1; 2. 15)

( DE LEMOS, 2002, p.52).

Claudia de Lemos diz que

Seria a relação de contigüidade que teceria o diálogo criança-mãe no episódio 3, mostrando assim a dominância do processo metonímico na fala inicial. Como se pode inferir desse diálogo, *ó nenê/o auau* é um fragmento do discurso da mãe em situações de “ler”/mostrar figuras em revistas, fragmento que se desprende de um texto para pôr em cena (*mise-em-scène*) a situação/cena anterior. Do mesmo modo, os fragmentos *(l)ava?/eva?*, são convocados pela expressão *tomando banho* presente na fala da mãe, expressão que, tomada como **parte** de um texto tomado como **todo**, o torna presente através de uma outra **parte**/ fragmento, *(l)ava*. Essa interpretação se estenderia à relação entre *telefone*, no enunciado da mãe, e *alô*, no enunciado da criança. Já no episódio 4 abaixo, é a dominância do processo metafórico que se dá a ver naquilo que se apresenta à primeira vista como “êrro”( DE LEMOS, 2002, p.52).

Episódio 4:

(Quando M. faz muito barulho, a mãe a repreende dizendo que ela vai acordar a

vizinha, Flávia, que está dormindo. Durante este episódio, C. brinca com uma

bola.)

Mãe: Esta bola faz muito **barulho**.

M.: A Fávia **é nananda**.

Mãe : É, a Flávia **está nanando** e você fica fazendo barulho.

(Mariana: 1;9.15)

(DE LEMOS, 2002, p.53)

---

A esse respeito De Lemos conclui que

Se o processo metonímico se mostra no diálogo acima através da relação entre *barulho* no enunciado da mãe e o enunciado da criança *A Fátia é nananda*, parte do texto em que a mãe chama a atenção da criança para o efeito do barulho que ela faz, é o “erro” nele contido que dá a ver o vestígio de um processo metafórico assinalando um afastamento do enunciado da mãe. Com efeito, a substituição de *está* por *é*, assim como a de *nanando* por *nananda*, traz à tona a relação entre o forma do presente progressivo *está nanando* e predicções nominais como *é bonito/é bonita*, *está bonito/está bonita*, em que *ser* e *estar* estão em oposição e em que *é* requerida a concordância do predicativo com o sujeito (DE LEMOS, 2002, p.53).

Anna Eliza Mattos Fongaro (2009) em sua dissertação do mestrado “Manifestações sintomáticas na escrita e a clínica de linguagem” prioriza o estudo da escrita pautado no Interacionismo. De acordo com a supracitada autora, o Interacionismo “(...) entende a oralidade e a escrita articuladas por um funcionamento, funcionamento este nomeado por Saussure (1916) ‘la langue’ que tem relação com o ‘Outro’ ( tesouro dos significantes de Lacan” ( p.26). Fongaro segue a linha de raciocínio em aquisição da escrita de Borges (1995-2006). Esta, por sua vez, baseou-se nos estudos interacionistas para desenvolver sua tese. Desse modo, Fongaro atesta que

Borges (...) considera que a fonetização da escrita seja um dos efeitos que a ordem própria da língua promove. Nessa perspectiva a criança é introduzida na escrita por meio de sua relação com a materialidade do texto. Os

---

blocos de letras que comparecem na escrita da criança foram chamados por Borges de pseudopalavras e considerados significantes. (...) Segundo Borges, os significantes emergem das múltiplas impressões fornecidas pelos textos do outro, não são registros que resultam da percepção das unidades da escrita constituída ou da categorização realizada pela cognição, as unidades linguísticas presentes no texto dessas crianças, são negativas e relacionadas. (...) os significantes são adquiridos pela criança através da sua relação com o outro, que através de um movimento metonímico do funcionamento da língua, deslizam do texto do outro para o texto da criança. (...) A criança não apreende a escrita, ela é capturada pela escrita através de sua relação com a materialidade do texto (FONGARO, 2009, p.26-27).

Diferente do que a maioria dos métodos de alfabetização prega, a perspectiva interacionista de aquisição de linguagem, segundo Borges, acredita que a criança não adquire a escrita por etapas do menor, fonológico, para o maior, palavras. “Borges indica que o texto se constitui através do funcionamento da linguagem, que faz movimentar os significantes entre os níveis fonético-fonológico, gráfico, sintático, morfológico e semântico” (FONGARO, 2009, p.27).

Em sua dissertação Fongaro apresenta dois casos para estudo. Nos deteremos aqui há apenas um, o caso R. Segundo a mãe de R, ele sempre teve dificuldades para escrever, pois trocava as letras e as esquecia. Além disso, na escola, ele não conseguia ficar parado e em alguns momentos parecia estar em ‘transe’. Ao fazer avaliação na Associação Brasileira de Dislexia foi diagnosticado com tal “patologia” e foi encaminhado à DERDIC para acompanhamento fonoaudiológico (FONGARO, 2009). A autora apresenta, entre outros, o seguinte dado:

Eu e minha mãe xegamo em casa e percebimos que a Kiara es tava grávida de pois de traz mezes ela deu cria de oito cachorrinho.

(Fongaro, 2009,p.78).

---

A esse respeito a autora afirma que

A segmentação de ‘depois’ parece ocorrer pela palavra grávida que traz outra segmentação possível, que entra em relação com o segmento escrito e promove a segmentação ‘de pois’(...) o significante ‘pois’ parece presentificar o segmento ou a cadeia ‘pois de trás’. Nesse fragmento vê-se também que os significantes são segmentados de modo que expõem outros significantes possíveis da língua escrita que estão a ele associados. (...) As hipersegmentações (...) indiciam uma movimentação da escrita de Renato e indiciam que novas relações puderam ser estabelecidas. (...) Na escrita de R as cadeias manifestas na escrita são produtos de cadeias da oralidade que tem mais forças que as cadeias gráficas latentes e dominam os recortes das unidades que se presentificam na superfície da escrita desse sujeito (FONGARO, 2009, p.78; 88)

A autora conclui que “somente através de uma teoria de funcionamento da linguagem que articula sujeito-língua-escrita (...) é possível refletir sobre a relação do sujeito em relação à sua escrita e não realizar deduções sobre o sujeito a partir da posição de investigador” (FONGARO, 2009, p.88). Isso quer dizer que não há como supor que o indivíduo tenha intenção de escrever corretamente e faça reflexões a respeito do modo como escreve, pois apenas em algumas partes do texto a criança se afeta pelo que escreveu, o que pode ser demonstrado pelas rasuras, pelo apagar e reescrever.

## CONCLUSÕES

A teoria Interacionista Estruturalista de aquisição de Linguagem veio em contrapartida do que se pregava, principalmente, no inatismo. Enquanto uma defende que a linguagem é inata a todo ser humano, o interacionismo defende que a língua é um sistema pre-existente a nós. Enquanto uma diz que nós somos capazes de falar por sermos programados biologicamente e que a linguagem está inscrita na mente/cérebro do falante a outra diz que é necessário à criança ser capturada pelo funcionamento da língua.

De Lemos inaugurou um estudo que vê a aquisição da oralidade e da escrita como processos do funcionamento da linguagem aos quais somos expostos e capturados, portanto não temos intenção de apreender uma ou outra. É a nossa relação com a fala do outro ou com a materialidade do texto do outro que nos permite adquirir fala e escrita. É um aprendizado estrutural da língua sem que tenhamos consciência dessa estrutura. Estudar essa teoria é entender que esses processos ocorrem de maneiras diferentes em cada indivíduo, pois cada um de nós se relaciona de forma distinta com a linguagem que nos captura.

## REFERÊNCIAS

AZENHA, Conceição Aparecida Costa. **O lugar do outro nas teorias de aquisição de linguagem.** Disponível site [www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/.../135](http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/.../135).

Acesso em 30|05|12.

---

DE LEMOS, Claudia. **Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna.** UNICAMP (?)

\_\_\_\_\_. **Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem.** Letras de hoje. Porto Alegre, 1995.

\_\_\_\_\_. **Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação.** Cad.Est.Ling., Campinas, (42): 41-69, Jan./Jun. 2002

FILHO, Jomson Teixeira da Silva. **O jogo significativo: um olhar sobre a aquisição da escrita a partir da teoria de valor de Saussure.** Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/o-jogo-significante-um-olhar-sobre-a-aquisicao-da-escrita-a-partir-da-teoria-do-valor-de-saussure/44038/#ixzz1wNKKF2rG>. Acesso em 30|05|12.

FONGARO, Anna E. Mattos. **Manifestações sintomáticas na escrita e a clínica de linguagem** 100p.[ Dissertação de mestrado em linguística] Pontificia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2009.

PERRONI, Maria Cecília. **O que é dado em aquisição da linguagem.** In: CASTRO, M. F. P.. *O método e o dado no estudo da linguagem.* Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1998.

SOARES, Maria Vilani. **Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens.** Artigo retirado de [http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/maria\\_vilani\\_soares.pdf](http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/maria_vilani_soares.pdf). Acesso em 26/07/12.